31761 07039621 3

Paiva, Xavier de
Camões em Africa

PQ
9261
P25C3

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/camesemafricas00paiv

XAVIER DE PAIVA

CAMÕES EM AFRICA

SCENA DRAMATICA EM VERSO

EDITADA

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1880

PQ
9261
P25C3

LIBRARY
MAR 6 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

A

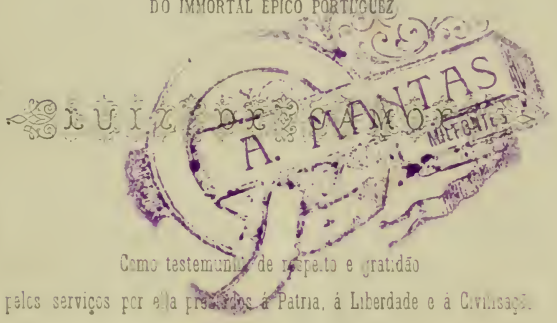
COMMISSÃO EXECUTIVA DA IMPRENSA LISBONENSE

INICIADORA E ORGANISADORA

DAS

FESTAS DA COMMEMORAÇÃO DO TRI-CENTENARIO

DO IMMORTAL ÉPICO PORTUGUEZ



Como testemunho de respeito e gratidão

pelos serviços por ella prestados á Patria, á Liberdade e á Civilisação.

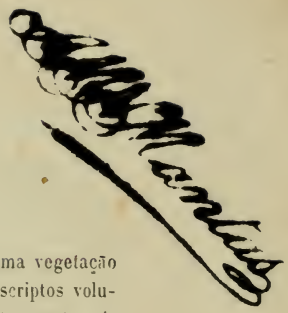
O. D.

O Auctor e o Editor.

PERSONAGENS

LUIZ DE CAMÕES	Heitor da Silveira
Diogo do Couto	O Jau

A acção passa-se em Moçambique, em 1569



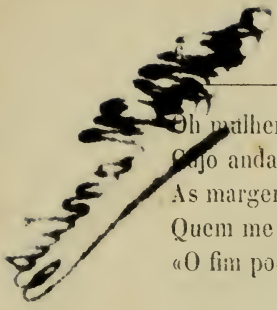
ACTO UNICO

Albergue pobrissimo. Porta ao fundo pela qual se vê alguma vegetação dos tropicos. Á direita uma mesa; sobre ella dois manuscriptos volumosos e diversos livros e papeis em desordem. Pela porta penetra vivissima claridade.

SCENA I

CAMÕES, *só, sentado á mesa em posição de profunda meditação*

Oh Natercia! Natercia!... visão estremecida;
«Alma minha gentil»... já não és d'esta vida;
Ao tumulo baixou teu corpo bem amado,
Vergontea tenra e bella, arbusto delicado
Sacudido a mais não pelos vaivens da sorte...
Oh! talvez para ti fosse o descanso a morte!
Aquelle teu olhar tão puro e tão ameno,
Tão grato como o espelho azul d'um mar sereno,
Que ao triste coração me descia e o tocava
Co'o seu condão estranho e sua ardente lava...
Perdeu p'ra sempre a luz, como um planeta extincto;
E o teu divino rosto, o brando rosto tinto
«De rosas e cecens», sorrindo ethereamente
Como um raio de sol no alcantil viridente...
Tem hoje a rigidez e o frio sepulchraes,
E serve de repasto ás larvas sensuaes!
Tua bocca mimosa — a entreaberta romã,
De onde brotava amor — purpurea flor louçã,
Bocca de argenteo som, de musica sonora,
Repleta de magia, austera, seductora
Que na alma me gravou inextinguivel sêllo...
Horror! emmudeceu-t'a ignoto sopro, o gêlo
Da negra lei fatal que tudo fere e abate
E torna em sujo azul uns labios d'escarlate!!



Oh mulher! anjo bom, que tanto, tanto amei!
Cujo andar vaporoso, eu louco contemplei
As margens sem rivaes «do Mondego descendo»;
Quem me diria então «que de amor tão profundo
«O fim podesse ver eu a!gum'hora!»
O mundo
É um barathro atroz de insondaveis segredos!

Dos teus encantos, pois, tão gratos e tão ledos,
Pomos divinaes de fervidos antojos,
Só restam — ai de mim!— os funebres despojos
Sob a lage funerea, em fria immob'lidade!...
Triste recordação de morta f'licidade!

Ter-me-iam morto já tambem os vis tormentos
D'este acerbo pezar, dos longos soffrimentos,
Se me não animasse o peito trespassado
O desejo — este sol esplendido e sagrado —
D'ir ainda quebrar do teu sepulchro as lousas
E teu corpo regar «com lagrimas saudosas».
(Levantando a fronte)
Ó espirito alado aos paramos sublimes,
Ás regiões da Luz, onde a maldade, os crimes
Não perturbam a paz das almas escolhidas;
Tu, casta flor, roubada ás affeições queridas,
Roga, supplica «a Deus que os annos te encurtou»
«Que tão cedo de cá me leve...
(Interrompendo-se)
Oh! louco sou;
E quão cobarde e fraco em supplicar a morte!
Eu, soldado! Eu, Camões! o genio altivo e forte,
Que jamais fraquejou nos campos de batalha
Da adusta Mazagão em frente da muralha,
— Testemunho ao porvir dos lusos heroismos;
Que nunca trepidou ante os riscos e abysmos

Da rude expedição ao Chembé infiel,
Aonde soffreu tanto e morto foi Miguel;
E ao qual não fez curvar os impetos do Oceano
Em furia desesp'rada, igual ao monstro insano
De horridas contorsões, sómente para salvar
Das perdas do naufragio e do bruto destroçar
De vidas e fazenda — o seu grande thesouro
De trabalho e amor, talvez immorredouro:
Apenas um poema... os *Lusiadas*, emfim.
É parte do meu ser; 'stá sempre junto a mim.

(Toma um dos manuscriptos e brada com fervido enthusiasmo)

Eil-a! eil-a a obra immortal! Camões não é vaidoso;
Mas diz-lhe voz estranha, um ecco mysterioso
Que no intimo lhe vibra: «Ó bardo apaixonado!
«Ó bellico cantor das glorias do Passado
«E feitos dos Heroes «do ninho teu paterno,»
«O livro teu será um monumento eterno!»

E, fallei eu na morte?! e, assim curvei-me ao lenho
Das lembranças do amor?! quando inda a prestar tenho
Maior tributo á patria, aos seus Varões mais puros?!
— Dar o meu livro á luz, p'ra os seculos futuros
N'elle os admirar, respeitar, bemdizel-os.

Preciso é combater os negros pesadellos.

(Revendo o manuscripto)

E tu, meu talisman, precioso manuscripto;
Riqueza, affecto e luz do misero proscripto,
Começado em prisão e seguido no encerro
«Da soidão querida», em Macau, no desterro:
Sê sempre meu escudo, incute-me coragem
Contra a fraqueza vil e a livida miragem
De funebres visões, visto que m'a tens dado
Para os golpes soffrer dos homens e do fado,

Da inveja e da injustiça — os monstros asquerosos,
E a tyrannia brutal dos grandes orgulhosos!
(Aperta o manuscripto contra o coração, colloca-o em seguida sobre a mesa e toma o outro manuscripto, dispondo-se a escrever).
O meu *Parnaso* querido: um ramilhete vario:
Flores do coração do poeta solitario;
Martyrios e cecens, lyrios e violetas,
E saudades, emfim,— as filhas dos poetas;
Não vos hei-de deixar assim dispersas, não;
Nascestes do meu peito ao sopro da paixão;
Reguei-vos com meu pranto, o orvalho d'agres dores
E fecundei-vos, sim, co'o fel dos dissabores:
Como abandonar, pois, apartadas, errantes
Aos olhos da indiff'rença, as pet'las palpitantes
Que me brotaram d'alma? Oh! prendas d'um diadema:
Quero-vos tanto como ao épico poema!
(Começa a trabalhar)

SCENA II

CAMÕES *e o* JAU

O JAU, *entrando pelo fundo; aparte*

Espirito sublime e nobre e generoso,
— Grande condão d'Allah! — vivido, esplendoroso
Como o meu patrio sol! Á desdita é indiff'rente;
E trabalha e produz, febril, constantemente,
Como se feliz fosse, alegre e bem querido
D'um seio de mulher de amor entumecido;
E os de sua nação, mesquinhos e invejosos,
Cobrem-o de desdens rudes, opprobriosos!
E a mim, a gratidão traz-me a elle acorrentado,
Porque elle é bom e sabio, e pobre e desgraçado,
E tem como o meu Deus um grande coração! . . .
Emfim . . . porque Camões detesta a escravidão.

CAMÕES, *reparando em o Jau que tem descido a scena*

És tu, Jau?

O JAU, *humilde*

Sim, senhor... O vosso humilde escravo...

CAMÕES, *severo*

Que o não és já t'o disse!... E não consinto o aggravo
De te julgares tal! Amigo e não senhor
É o que eu sou, pobre Jau.

O JAU

Ser escravo d'amor
Tambem escravo é ser... E eu amo o captiveiro;
Comvosco correrei o estranho mundo inteiro,
Sem nunca me queixar, sem laivos de tristeza,
Antes contente e f'liz, que a singular nobreza
Do peito de Camões, attráe como as sereias:
Inda que fosse escravo, eu beijava as cadeias.
(Curva-se e beija as mãos a Camões)

CAMÕES, *commovido*

Honesto coração! caracter nobre e puro!
De teu profundo affecto estava bem seguro;
Dás-me mais uma prova? eu te agradeço, amigo.
Sim; has-de acompanhar-me em o trilho que sigo
'Té, quem sabe? talvez á morte... á morte, sim!

O JAU, *angustiado*

Oh! por quem sois, senhor! não falleis, triste, assim!

CAMÕES, *mudando de tom*

Bem; mudamos de assumpto. Algumas novas trazes
D'esse credor judeu d'instinctos crús, vorazes
Que não consente volte á patria tão depressa?

O JAU, *áparte, com dôr*

Oh Deus! Deus, que direi?!...

CAMÕES, *erguendo-se anciozo*

Tu curvas a cabeça?

Como ao peso brutal do vento dos desertos
Se curvam do palmar, no ardente espaço abertos,
Seus braços colossaes, nervosos e febris?...
Já conheço a Desgraça: o que ha de novo, diz.

O JAU, *perplexo*

Más novas... e, eu receio...

CAMÕES

Nada receies; sou forte:
Conta-me pois tudo; o resto não te importe.

O JAU

Vossos credores vis, peiores que as pantheras
Que vivem nos juncaes em convivio de feras,
F'rindo luctas de raça; elles os bons christãos,
Que se dizem amar e querer como irmãos,
Surdos ao meu lamento e cegos ao meu pranto,
Que corria em torrente amarga e grossa, emquanto
De joelhos rogava em supplica angustiosa;
Elles, elles, vilões de face impiedosa
Recusaram auxilio, espera e...

CAMÕES, *interrompendo-o*

E o Barreto?

O JAU

Ameaçou...

CAMÕES, *o mesmo*

Co'a prisão?...

O JAU

Sim; esse homem abjecto,
Sem vergonha ameaçou metter-vos na prisão!...
— Oh! caia sobre os maus, de Deus a maldição!

CAMÕES

Não os amaldiçôes, alma candida e honrada.
Deixa os vis proseguir na trama negregada
Da minha perdição: perdôo-lhes todo o mal
Que me têm feito. A gloria, o registro immortal
Custa bastante pranto — o diluir da alma:
É sempre após a morte, ai! que se colhe a palma.

O JAU, *timidamente*

Porém... o Capitão?...

CAMÕES

Cumpre a ameaça, de certo.
Barreto é mau credor; um coração aberto
Ao odio e ao rancor; elle é meu inimigo...
(Curta pausa)
E lá se vão as naus... inda agora não sigo
A ver a terra amada, a patria estremecida
Que eu antevejo alem, como uma visão querida!
Miragem que se esváe; illusões que perecem;
Extinctos sonhos bons; esp'ranças que fenecem;
Um mundo a desabar; alma que se estiola;
Um corpo já sem luz, que nada já consola;
Eis o que aqui está, o que é p'ra mim a vida:
Quasi já sem patria e a prisão por guarida!!

(Caminha a passos lentos em direcção á mesa e senta-se com ar abatido)

O JAU, *áparte*

Como padece aquelle ingente coração!

CAMÕES, *contemplando o manuscripto em que pegára primeiramente*

Meu balsamo tu és, doce consolação
Das longas horas más de soffrimento duro!
Comecei-vos retido em carcere vil, escuro;
Porque a tristeza inspira e faz vibrar a alma
Do que a tem p'ra sentir; e porque a ardente calma

D'um vasto pensamento, o craneo me escaldava,
Qual vivido clarão de scintillante lava,
Enchendo-me de luz as bossas geradoras,
Magicas radiações de estrellas seductoras,
Deixando-me antever os quadros e as imagens
D'um mundo a decaír, de varios personagens:
— Ora alegres, sorrindo; ora tristes, em pranto;
Sombrias uma vez; outras, cheias de encanto;
O velho endurecido e a virgem d'almos olhos;
O homem honesto e são vivendo sobre abrolhos;
O rico crapuloso entre arminhos e flores;
Os escravos caíndo ante aos pés dos senhores;
Tyrannia e Oppressão, Maldade e Cobardia;
A Humildade, a Virtude, o Heroismo, a Valentia;—
E, descerrando a Historia austera do Passado,
Das patrias tradições o livro respeitado,
Deixou-me contemplar attento, embevecido
N'aquelle vasto quadro em bronze e ouro esculpido
O núcleo dos Heroes gigantes, assombrosos;
Guerreiros colossaes, invictos, gloriosos;
Argonautas viris, intrepidos, ousados,
D'esses mares alem «nunca antes navegados»,
Que foram descobrir —valentes immortaes —
A senda que conduz ás plagas orientaes,
Ao continente negro, ás terras — Santa Cruz;
Que levaram prestigio, enthusiasmo e luz
A Arzila, Tanger, Congo, ás solidões do Ganges;
E vi tomarem vulto as herculeas phalanges:
O infante D. Henrique e D. João Primeiro:
O sabio prestimoso e o dynasta guerreiro;
O audaz Bartholomeu, o Dias valoroso
Que primo ousou dobrar o Cabo Tormentoso;
E sobre todos vi erguer-se radiante
Austero semi-Deus, um nautico gigante,

Cujo nome aureolado ecoava ao longe a Fama:
Era o descobridor da India — Vasco da Gama!
Curvei-me reverente ante o nauta preclaro,
E o pensamento meu tornou-se, inda, mais claro
Com a luz que espargia o maior dos heroes:
Porque ha nomes que são como que aureos soes.
Uma idéa me assaltou: e a ti, poema qu'rido
Nas horas de pezar, na mente concebido,
Eu dei-te como Heroe o que a patria proclama
Dos filhos o primeiro. Assim cantei o Gama.
E, agora quando ao Tejo, ao rio de christal,
Á formosa Lisboa, «ao ninho meu natal,»
Anciava regressar nas bellicas naus pesadas
Que vão hoje seguir derrotas desejadas,
Não só para matar as vividas saudades
De quem ha annos vive em tristes soledades,
No desterro e prisão; mas para dar tambem
Ao nobre Portugal — a minha patria mãe, —
D'epica inspiração o thesouro sagrado,
Da musa nacional poema levantado
Como consagração d'athleticas bravuras,
Que sirvam de lição ás gerações futuras,
E possa perpetuar dos sec'los atravez
Os feitos sem rivaes do genio portuguez...
É agora que um tyranno, useiro na trapaça,
Prolonga-me o desterro e ao ergastulo ameaça
De novo condemnar-me!...

(Curvando a cabeça, com desalento)

Ah! destino cruel!

O JAU

Oh! animo, senhor! tenha esperança... Aquelle
Perverso... o Capitão... não ha-de encarceral-o...
Se o crú ousasse tal... *(Ameaçador)*

CAMÕES, *voltando-se vivamente*

Que farias?...

O JAU, *com decisão*

Matal-o!

CAMÕES, *áparte*

Heroico coração!

(Alto, sorrindo tristemente)

Jau: não trames vingança.
É ceder á lei fatal: eu já perdi a esp'rança!

SCENA III

OS MESMOS e HEITOR DA SILVEIRA

HEITOR, *que tem entrado pelo fundo e ouvido o ultimo verso, avançando para Camões, que se levanta subitamente e alvoroçado.*

Quem falla em desesp'rança aqui?! Dizei quem é
Que perdeu a flor d'alma, o balsamo da fé?!
Camões, Camões não foi!... acreditar não posso
Que a serpe venenosa abata o grão colosso;
Que o trovador-soldado, o Cantor da Epopêa
Das glorias da nação, tivesse essa atra idéa!

CAMÕES

Fui eu; sim, sim, Heitor. E, acaso é para assombros
Que a tão pesada cruz, que me tem f'rido os hombros,
A cruz do padecer longo, augusto e fero
Haja-me inoculado o fel do desespero?
Que, quem ha supportado annos de injusto exilio,
De desterro forçado, erguendo sem auxilio
Dos grandes nem do rei, sincero monumento;
Soffrendo vis baldões, ás vezes sem alento,
Minando-o a nostalgia, extenuado de fome...
Que admira perca a fé e o desespero o tome!?

HEITOR, *confundido*

Rasão tens. Has soffrido immenso; e o soffrimento
Suffoca o coração... se não o entendimento.
Porém, Camões, o athleta, ingente e luminoso,
Dos *Lusiadas* cantor ardente, imaginoso,
Deve ser superior ao desanimo abjecto...

CAMÕES

Eu tenho o peito meu de lagrimas repleto,
E sinto como os mais...

HEITOR

Creio, poeta, creio...
E sinto arrepender-me e sinto o grande enleio
De censurado ter o desafogo augusto...
No momento, talvez, de te f'rir golpe injusto?

CAMÕES

Ameaça-me a prisão...

HEITOR

Vingança do Barreto?
D'esse vil portuguez que torna o nome abjecto
N'estas paragens?

CAMÕES, *com amarga ironia*

Sim. É a *prova de amizade*
D'esse, por quem deixei a rubra immensidade
Do fúlgido Hindustão! Paciencia...
Só me doe
Que o desejo febril, que o peito me corroe,
Seja mais uma vez, cruelmente, frustrado!

HEITOR

Não, Camões; não serás agora encarcerado.
Eu t'o juro, poeta, a crua prepotencia
Ha-de mostrar agora a fragil impotencia

Perante a voz de — *não!* — de peitos resolutos!
Havemos de quebrar as armas dos corruptos
E os pesados grilhões dos lividos tyrannos,
Que tramam, p'ra perder-te, incalculaveis damnos,
A fome na prisão, demora no desterro:
Ruins machinações da Maldade, do Erro!

Sim; tu has-de embarcar comnosco. A patria chama-te,
Vibrante inspiração o coração inflamma-te,
É mister expandil-a em nenias melodiosas,
Em magicas canções floridas, primorosas,
Sob o azulado céo que cobre o nosso Tejo;
Cumprir inda é mister, o teu... nosso desejo
De dares á imprensa — o invento Guttemberg,
Teu poema immortal, que a nobre patria ergue
Ás cumiadas da Fama.

Oh! has-de partir, crê.

CAMÕES

Repito, ainda, Heitor: Camões perdeu a fé...

HEITOR

Illusão!... Illusão!...

(Ouve-se fóra uma voz)

CAMÕES

Quem será que ahi vem?

O JAU, *que tem ido ao fundo*

Bom amigo, senhor. O Jau conhece-o bem.

SCENA ULTIMA

OS MESMOS *e* DIOGO DO COUTO

DIOGO, *entrando pelo fundo trazendo na mão uma bandeira enrolada*

Salvé! Salvé, Camões! poeta solitario,
A quem tem perseguido um fado escuro e vario;

Dos homens o desprezo, a inveja, a ingratidão,
Mas cujo nome austero os évos bemdirão
Como a mais pura gloria,— o nome immorredouro
Que o Povo guardará no peito em lettras d'ouro!

CAMÕES, *profundamente sensibilisado*

Oh! Diogo do Couto, aqui bemvindo sejas;
Amigo dedicado á victima de invejas,
P'ra quem balsamo são ás suas acres f'ridas
As phrases que dizeis, quiçá immerecidas.
E solemne o momento, este em que o pobre vate
Um golpe mais soffreu... um golpe que o abate
Como ao cedro gigante o tufão impiedoso!...

HEITOR, *a Diogo do Couto*

Ameaça-o a prisão... Barreto o crapuloso...

DIOGO, *interrompendo-o*

Ah! esse o golpe rude?... É tudo concertado.
Camões vae embarcar...

(Reunem-se todos em grupo como attrahidos pelas palavras de Couto)

CAMÕES, *radiante de alegria*

Oh! Deus! o desterrado
Vae contemplar, alfim, da patria o céo sereno?
Do liso, argenteo Tejo o deslisar ameno?
D'altas collinas sete o bello panorama?
Os fundos olivaes que puro sol inflamma?
O Eden sem igual, de que me apartaram
«Erros meus, má ventura e amor?»

DIOGO

Sim; acabaram
Os annos de desterro. E vaes partir comnosco...

CAMÕES

Parece-me sonhar!... Eu... eu, partir comvosco...
Ah! como eu quero á minha... á nossa patria cara!

DIOGO

Apresta-te infeliz. A grã nau Santa Clara
Vae breve levantar ferro e seguir derrota.

CAMÕES

A nova alegre e boa a mente me alvorota!...

(Corre á mesa e toma os dois manuscriptos)

Presto serei, amigo.

(Mostrando os manuscriptos)

Eis aqui meu thesouro!...

DIOGO, *com enthusiasmo*

Um 'splendido *Parnaso;* um poema immorredouro
De colossaes acções e feitos deslumbrantes,
Que a tuba de Camões, d'épicos sons vibrantes
Ergueu como memoria ingente, imperecivel,
Aos manes dos Heroes — o gigante e o terrivel;
Os *Lusiadas* viris — o Patriotismo e a Arte,
O esteio vigoroso ao fulgido estandarte
Das Quinas nacionaes, o terror das nações!

(Desenrola o estandarte, ergue-o alto e fal-o tremular)

HEITOR, *com vivo enthusiasmo*

Oh! viva Portugal! Viva, viva Camões!

CAMÕES, DIOGO *e o* JAU

Oh! viva Portugal!

DIOGO *e o* JAU

Viva, viva Camões!

(Ouve-se eccoar dentro um tiro de peça. Movimento geral)

DIOGO

Avisam-nos de bordo. Apressar! apressar!

CAMÕES

Valentes corações! Eu sinto palpitar
A paixão que os domina, a flor do patriotismo,
Que faz do Povo Luso o symbolo do Heroismo.

(Recita)

«Vereis amor da patria, não movido
«De premio vil, mas alto, e quasi eterno;
«Que não é premio vil ser conhecido
«Por hum pregão do ninho meu paterno.
«Ouvi: vereis o nome engrandecido
«Daquelles, de quem sois senhor superno:
«E julgareis qual é mais excellente,
«Se ser do mundo Rei, se de tal gente.»

(Todos formam grupo sob o estandarte)

(Cáe o panno)

FIM

NOTAS

O que se lê entre aspas são transcripções textuaes, ou paraphrases das obras de Luiz de Camões.

A PAG. 7

...e morto foi Miguel.

Personagem cantado na elegia x.

A PAG. 8

És tu, Jau?

Não ignorâmos que a tradição dá ao dedicado escravo o nome de Antonio, não mencionando o que devia ter antes do baptismo catholico; por isso preferimos dar-lhe n'este humilde trabalho o derivado do seu paiz natal.

A PAG. 17

...É tudo concertado.

Referencia ao saldo de contas dos amigos do Poeta com Pedro Barreto, os quaes se haviam fintado para lhe satisfazer a divida allegada e obterem permissão para Camões embarcar

PQ
9261
P25C3

Paiva, Xavier de
Camões em Africa

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 14 13 05 026 1